

LINGUAGEM E PSICOSE

Caroline Pessalácia Marini¹
Prof^a Dra. Eliane Mara Silveira²

Resumo

Com este trabalho, proponho analisar as produções linguageiras existentes na psicose, que pode nos trazer esclarecimentos sobre a natureza do objeto da lingüística. Para investigar as particularidades do discurso sobre a língua na psicose, e principalmente o funcionamento da mesma, foram realizadas entrevistas no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia com pacientes internos no setor de psiquiatria.

Para examinar a hipótese de que há um discurso sobre a língua na psicose e aspectos relacionados ao funcionamento da língua, nos detemos no exame de algumas produções linguageiras a partir dos estudos saussureanos sobre a língua e lacaneanos sobre a psicose.

Tais produções linguageiras foram analisadas apoiando-se principalmente em um aspecto, a questão do deslizamento de significantes que há, afetando o funcionamento da língua. Deste modo, pudemos compreender o vínculo de relação entre a linguagem e a psicose, que se mostra bastante forte, pois é pela linguagem que se pode reconhecer a psicose.

Palavras – chave: linguagem, psicanálise, inconsciente, psicose

Abstract

In this paper, I propose to analyze the languages' productions that exist in psychoses, in order to bring elucidations about the linguistics' nature objects.

To investigate the speech's particularities about language in psychosis, and mainly its functioning in language, interviews were made at Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, with patients from psychiatry section. To examine the hypothesis of a relation between the interaction's precariousness and the person's language, some use of the language from Saussures' and Lacan's studies about psychosis are analyzed as well.

To examine the hypothesis that there is a speech about language in psychosis and aspects related to language's functioning, we based on some languages' productions examination according to Saussure's studies about language and Lacan's about psychosis.

Those languages' productions were analyzed supported it self principally on one aspect: the existence of significants landslide, that affects language's functioning. In addiction, we could understand the bond of relation between language and psychosis, which seems to be very strong, since is by language that it's able to recognize psychosis.

Key words: language, psychoanalysis, unconscious, psychosis

¹Graduanda da Universidade Federal de Uberlândia – ILEEL- Rua São Januário nº 1020, Bairro Tubalina, Uberlândia – MG , Cep: 38412-078. email: carolpessalacia@hotmail.com

²Prof^a adjunta da Universidade Federal de Uberlândia – ILEEL – Rua Saturnino Pedro Santos, nº61, apto 201. Bairro Jardim Finotti – Uberlândia- MG. Email: elianesilveira@ileel.ufu.br

Introdução

A especificidade do funcionamento da língua na psicose, bem como o discurso sobre a língua na psicose são pouco estudadas na área de Letras. Contudo, o conhecimento tanto de um como de outro, pode auxiliar na compreensão do funcionamento da língua e, portanto, trazer esclarecimentos sobre a natureza do objeto da lingüística.

Para Saussure, a língua é formada por signos que articulam-se para a formação do sistema lingüístico. Tais signos são formados pela associação entre significante e significado, sendo que cada signo adquire seu valor no sistema lingüístico. A partir daí pode-se supor que a língua tem sua ordem própria.

Principalmente a partir da fundação da lingüística como ciência, a língua foi utilizada em várias áreas de conhecimento para auxiliar na explicação de fenômenos cuja elucidação resistia às investigações de sua área, como o estudo dos processos inconscientes, que podem se manifestar pela linguagem, o que foi proposto inicialmente pela Psicanálise.

Na psicanálise, Lacan irá aprofundar os estudos sobre a relação linguagem/inconsciente. Mais especificamente, Lacan contribui com a compreensão da psicose a partir do funcionamento da linguagem. Para ele, a psicose pode ser identificada pela linguagem do falante, pois esta é

caracterizada pelas particularidades encontradas no discurso, como o deslizamento de significantes, significações que apontam para vários lados, além da criação de neologismos.

Na psicose, é possível que o sistema lingüístico mostre-se em certa desarticulação. Isso é percebido em relação à organização dos signos, nos quais se percebe que os significantes estão deslocados dos significados; assim, os significantes deslizam e não contribuem para a formação de significação. Tal deslocamento de significantes provoca um funcionamento de língua, na psicose, que se distingue do funcionamento ordinário da língua por apresentar características peculiares.

Uma outra característica marcante do dizer na psicose é, segundo Lacan (1953), a certeza daquilo que é dito, que é o mais importante para o falante, mesmo que seja irreal. Ou seja, o sujeito admite que o seu dizer seja de uma outra ordem e até mesmo uma irrealdade. Sendo assim, os delírios podem ser desenvolvidos a partir dessa certeza persistente que existe no falante. Os delírios podem ser nomeados também por fenômenos elementares, os quais são apontados, de acordo com Lacan, em sua relação com o delírio com a seguinte afirmação: “o delírio não é deduzido, ele

reproduz a sua própria força constituinte, é, ele também, um fenômeno elementar” (p. 28).

A partir da certeza persistente daquilo que é dito, na psicose, segundo Picardi (1997) “o indivíduo fica condenado a falar apenas sua verdade, sua singularidade, ficando excluída sua possibilidade de comunicação”(p.65). Essa verdade que é falada pelo indivíduo é da ordem do delírio, que é construído em torno dessa certeza mantida em seu discurso.

Na definição do que é a psicose, Julien (1999), explica que uma psicose se declara assim: “palavras se impõem ao sujeito como vindas do exterior sob a forma de voz, como eco do pensamento, como enunciação de atos a cumprir ou como comentários destes” (p.39). Tal definição da psicose mostra a relação que há entre a linguagem e a psicose, pois esta só é reconhecida pela via da linguagem.

Deste modo, esta pesquisa se propõe à análise de produções linguageiras de falantes diagnosticados como psicóticos com o objetivo de verificar a particularidade do funcionamento da língua na psicose bem como o discurso sobre a língua na psicose.

Material e métodos

Para desenvolver tal pesquisa, utilizei como fundamentação teórica o *Curso de Lingüística Geral*, de Ferdinand Saussure, para explicar o funcionamento da língua em geral e compreender o funcionamento da língua especificamente na psicose. Além disso, me apoiei principalmente no *Seminário 3: As Psicoses*, proferido por Jacques Lacan em 1953/1954, quando ele desenvolve uma teoria especificamente sobre o funcionamento da língua nas psicoses.

Deste modo, para analisar a relação que há entre língua e psicose, realizei entrevistas com pacientes internos do setor psiquiátrico do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia.

As entrevistas realizadas no Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia aconteceram semanalmente, de modo que não incomodasse os internos que se encontravam em situação de tratamento. As entrevistas eram gravadas com o auxílio de um MP3 Player e logo após transcritas, de maneira que fosse preservada a estrutura frasal e as peculiaridades existentes na linguagem do sujeito. A partir da

transcrição, os diálogos foram submetidos a uma análise. Ao analisar os fragmentos da entrevista, destaquei alguns aspectos do funcionamento da linguagem como o contínuo deslizamento de significantes e os neologismos que são recorrentes na psicose, além de investigar a possibilidade de um discurso sobre a língua que fosse característico da psicose.

Para a realização das entrevistas, foi formulado um questionário contendo perguntas que levassem a uma conversa trivial, dentre essas perguntas algumas procuravam obter informações acerca do que o entrevistado entendia por língua. Certas vezes, por iniciativa do entrevistado, as entrevistas com os pacientes tomavam rumos diferentes daqueles que eram propostos no questionário inicial apesar mesmo das tentativas de retomar o questionário; assim, algumas vezes, as entrevistas acabavam por ter características de uma ‘conversa’.

É importante destacar que para que tais entrevistas fossem realizadas, a pesquisa passou por um processo de submissão ao comitê de ética¹. Além disso,

¹ Registro CEP(Comitê de Ética Nacional): 269/06.

as entrevistas com os pacientes deveriam ser autorizadas por seus responsáveis legais.

As perguntas utilizadas no questionário foram as que se seguem:

- Nome completo
- Idade
- As coisas que mais gosta de fazer
- O que ele fez no decorrer do dia anterior
- Se vê ou lê jornal e o que mais gosta de ver lá
- Um jornal é igual a um caderno?
- O que se costuma escrever no caderno?
- O que são palavras? qual a definição de palavra?
- O que é um dicionário ?
- Para que usamos o dicionário ? qual sua função ?

- Você sabe falar outra língua?
- O que é uma língua ?
- Pra que usamos a língua?
- Existem muitas línguas ?
- Qual a língua falada por você?

As primeiras perguntas foram realizadas apenas para um entrosamento inicial entre eu e o paciente; entretanto, até mesmo nessas perguntas consegue-se perceber as particularidades do funcionamento da linguagem da psicose. A partir dessas perguntas que foram feitas a alguns pacientes, é possível identificar o funcionamento da língua na psicose, um funcionamento distinto daquele encontrado na linguagem ordinária. Além disso, as outras perguntas atentam sobre a hipótese do paciente apresentar um discurso sobre língua.

Discussão

Para tratar da relação entre a linguagem e a psicose, gostaria de trazer primeiramente a noção de língua, que foi estudada inicialmente por Ferdinand Saussure, lingüista genebrino, que renovou a concepção de signo. Para ele, o

signo se constitui pela associação entre conceito e imagem acústica. Em seguida, no *Curso de lingüística Geral*, Saussure inova na nomeação de conceito e imagem acústica e estas “entidades psíquicas de duas faces” (op.

cit., p.21), passam a ser denominadas por significado e significante respectivamente, que se articulam de modo que compõem os signos e são interdependentes, por isso segundo Saussure, configuram um sistema.

De acordo com Saussure, os signos são considerados psíquicos por estarem “unidos no cérebro por vínculo de uma associação”(op. cit.,p.80), na qual um reclama a presença do outro, o que justifica sua inter-relação, ou seja, um significado não existe sem o significante e vice-versa. Além disso, existem signos que se assemelham, seja no conceito ou imagem acústica. Segundo Saussure “o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação” (op. cit. p.137).

Cada signo, a partir da associação entre significante e significado é capaz de produzir uma forma, pois “a lingüística trabalha, no terreno limítrofe onde os elementos de duas ordens se combinam; esta combinação produz uma forma, não uma substância”(op.cit. p.131).

As definições de forma e substância foram aprofundadas posteriormente por Hjemslev que definiu forma como “tudo aquilo que uma determinada língua institui como unidades através da oposição”(Ilari, p.61) e substância “definida como o suporte

físico da forma, que tem existência perceptiva, mas não necessariamente lingüística”(op.cit., p.61). Por isso pensamos que para Saussure no signo o mais importante é a forma, destacando que na substância há uma maior preocupação com a fonética ou realidade empírica do signo.

A partir da acepção de signo lingüístico formado por significantes e significados interdependentes, Saussure propôs a noção de sistema, que foi entendida como estrutura e nomeou essa corrente teórica responsável pela fundação da lingüística, que é denominada de estruturalismo.

Segundo Saussure é a associação dos signos, ou a relação entre eles que constitui o sistema lingüístico, nas suas palavras “um sistema lingüístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de idéias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores”. (op. cit., p.139)

Tal sistema de valores é proposto no *Curso de Lingüística Geral* e tratado enfaticamente no capítulo IV, no qual Saussure nos aponta a importância do estudo desta teoria, pois apresenta que “sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas idéias de modo claro e constante”(p.130).

Assim, cada signo apresenta seu valor lingüístico de modo que ele possa distinguir-se ou assemelhar-se a outros, porém organizadamente, pois existem idéias e sons que se assemelham ou se diferem em certos pontos, da mesma forma, existem signos que assumem seu significado adequado apenas inserido no sistema.

A combinação entre os signos do sistema é realizada através das relações sintagmáticas e associativas (paradigmáticas). Na primeira, “os termos estabelecem entre si, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de enunciar dois elementos ao mesmo tempo”, ou seja, os signos se associam em série e só adquirem valor dentro do sistema porque “se opõem ao que o precede ou ao que se segue, ou a ambos” (op.cit., p.142).

Saussure explica que cada signo enunciado engendra a percepção de outros elementos, mesmo que não estejam presentes no sistema, é o que nomeia como relações associativas ou paradigmáticas, as quais não apresentam número definido ou ordem determinada:

“os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentam algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries

associativas quantas relações diversas existam” (op. cit., p.146).

Assim, é possível concluir a ligação entre sistema, valor lingüístico e relações sintagmáticas e paradigmáticas, pois a partir do sistema são determinados os valores, sendo que os signos se organizam a partir das relações sintagmáticas. Os signos ainda nos remetem a convocar vários sentidos ao mesmo tempo, o que é tarefa das relações paradigmáticas.

O conceito de sistema também nos permite chegar à noção de língua com caráter autônomo. A partir do conceito de língua como “um sistema de signos”, Saussure conclui que há “uma ordem própria” (op. cit, p.25). Esta é composta por tudo aquilo que é interno ao funcionamento da língua e os signos que compõem esse sistema, segundo ele, “escapam sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial” (op.cit.,p.25). Assim, pode-se perceber que podem haver manifestações inconscientes na linguagem.

O lingüista francês Jean Claude Milner (1978), no livro *O amor da língua* sustenta que “sempre faltam palavras para se dizer alguma coisa, ou: existe o impossível a se dizer” (p.44). Entretanto Milner faz uma dura crítica à lingüística quando afirma que “o esforço dos lingüistas estruturalistas consiste em obrigar o lingüista a tratar toda língua como se ninguém

as falasse” (op. cit., p.27), assim esta pode ser analisada sem considerar os furos ou falhas, não há o impossível de se dizer ou o exorbitante.

Apesar da resistência da lingüística como ciência em dedicar-se aos estudos sobre os efeitos do inconsciente na linguagem é impossível negar que há inconsciente na produção languageira do sujeito, que não detém o controle do seu dizer, pois como cita Milner “a língua é corrompida pelo desejo inconsciente” (op. cit., p.43).

A psicanálise, fundada por Sigmund Freud, obteve o inconsciente como objeto de estudo, que até então era considerado apenas como aquilo que não era consciente, ou seja, “aquilo que escapava à consciência espontânea do sujeito”(Kaufman, 1998, p. 264).

A partir das pesquisas iniciadas em 1893, juntamente com Breuer, Freud propôs uma explicação mais detalhada do termo em seus estudos sobre a histeria, baseando-se principalmente no ensino de Charcot e Breuer, e, durante aproximadamente dez anos buscou novas explicações aos processos inconscientes, construindo um conceito consistente ao que antes era pouco esclarecido (Roudinesco e Plom, p.377).

O inconsciente passa a ser inicialmente entendido por Freud como “a observação do que tropeça, do que escapa, cambaleia, falha

em todo mundo, quebrando de maneira incompreensível a continuidade lógica do pensamento e dos comportamentos da vida cotidiana: lapsos, atos falhos, sonhos, esquecimentos e, de modo mais geral, os sintomas compulsivos dos neuróticos”. (KAUFMAN. p. 264). Freud estabelece uma relação da linguagem e a psicanálise em suas teorias, mas esta não é explicitada.

Na segunda metade do século XX, Jacques Lacan propõe uma teoria baseada no significante, teorizado inicialmente por Saussure. O significante para Lacan, conforme enuncia Roudinesco & Plom (1997, p.709), “é isolado do significado como uma letra, um traço ou uma palavra simbólica, está desprovido de significação, mas determinante como função, para o discurso ou o destino do sujeito”. Segundo esses autores pode-se observar também que o estudo do inconsciente para Lacan é apoiado em questões explicitamente lingüísticas e ele assinala que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, e, além disso, que: “a linguagem é a condição do inconsciente” (op.cit., p. 378).

É pela linguagem também que a psicose pode ser identificada. De acordo com Lacan no *Seminário 3 : As psicoses* , proferido em 1953, “para que estejamos na

psicose , é preciso haver distúrbios na linguagem”, além disso, “na psicose há um conflito verbalizado com o próprio meio” (p.110).

Entretanto, a psicose não se trata apenas de problemas de linguagem, há vários outros fatores que podem contribuir, como o funcionamento do inconsciente. Lacan explicita em seus compêndios a estruturação da realidade psíquica do sujeito, ou seja, o inconsciente é formado por três esferas: real, simbólico e imaginário; tais esferas são inseparáveis.

O imaginário é caracterizado principalmente por fenômenos como o de ilusão ou captação. Nele também está presente a ilusão de um modelo ideal de sujeito, bem como sua constituição. O real pode ser representado por um desejo inconsciente, diversas vezes esse real torna-se impossível de ser simbolizado.

Essa certeza daquilo que é dito, mesmo que seja a representação de um delírio, traz a idéia de uma realidade não assegurada, os fenômenos podem ser de uma outra ordem que o real, mas isso não quer dizer que o sujeito tenha simbolizado tal realidade.

O simbólico é expresso por Lacan para designar, segundo Roudinesco e Plom,

“um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, os signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-se referir-se a ele, consciente ou inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização.” (p.714). Dessa forma, tudo aquilo que conseguimos atribuir uma significação e que é reconhecido por nós é da ordem do simbólico.

Para configurar a união entre os termos “simbólico”, “real” e “imaginário”, Lacan propõe o entrelaçamento entre eles através de um nó, o nó borromeano. Este é definido como aquele que “parte de três. É, a saber, que se de três vocês rompem um dos anéis, eles ficam livres todos os três, ou seja, os dois outros se soltam”(O Seminário R.S.I.,p.05)

O nó borromeano se sustenta como modelo de entrelaçamento de três estruturas apenas no registro do imaginário, aquele que se caracteriza como lugar do eu por excelência. Quando há o rompimento desse entrelaçamento de nós e estes ficam soltos, pode-se supor a representação do real, simbólico e imaginário inscritos na psicose.

A desestruturação do nó borromeano se dá principalmente quando a as significações que não foram

simbolizadas retornam no real. A respeito disso, Lacan (1953) explica que “tudo que é recusado na ordem simbólica, no sentido da *Verwerfung*, reaparece no real.” (op.cit., p.21).

A psicose é caracterizada, segundo Lacan como “(...) a emergência na realidade de uma significação enorme que ao se parece com nada – e isso na medida em que não se pode ligá-la a nada, já que ele jamais entrou no sistema de simbolização – mas que pode, em certas condições, ameaçar todo o edifício.” (op. cit., p.102). Se não há simbolização, o símbolo é foracluído e pode retornar no real com uma significação diferente, não se parecendo com nada e deste modo, configura uma linguagem particular. Esta é representada pela fala do sujeito.

Picardi afirma que a foraclusão dá origem a uma nova estrutura de fala: “Como reflexo do símbolo rejeitado, do significante recusado, a foraclusão constitui uma espécie de estrutura própria, original, no interior da qual se organiza uma nova estrutura de fala.” (op.cit., p.12). A partir dessa definição é decisivo que a fala tem papel importante no que diz respeito à materialização das particularidades encontradas na linguagem de um sujeito na psicose.

De acordo com Lacan “É o registro da fala que cria toda a riqueza da fenomenologia da psicose, é aí que vemos todos os seus aspectos, as suas decomposições, as suas refrações. A alucinação verbal, que é aí fundamental, é justamente um dos fenômenos mais problemáticos da fala”. (op.cit., p.47). A peculiaridade do discurso se dá justamente por essa fenomenologia presente na psicose.

Tal fenomenologia é marcada principalmente pelo deslizamento de significantes, que Lacan os explica utilizando os conceitos de metáfora e metonímia. Estes implicam, segundo Picardi, “(...) em produzir efeitos de sentido a partir da combinação (palavra a palavra) e da substituição (uma palavra por outra palavra” (op.cit.,p.40). Para que haja o deslizamento, é necessário que os significantes passem a ocupar o lugar dos significados ou que estes estejam ausentes. Esse deslizamento torna difícil de se reestabelecer um sentido, como enuncia Picardi: “O significante eliminado desliza sob outro significante, passando a ocupar o lugar do significado, embora permaneça separado do significante que o representa” (op. cit., p. 41).

Percebemos então, que há uma diferença entre a linguagem ordinária e a

linguagem na psicose, que revela uma peculiaridade na organização de sentido nesta última, destacando-se um progressivo deslizamento do significante, conferindo uma precariedade ao sistema lingüístico, o que dificulta o laço social, Nasio ressalta em seu livro *Grandes Casos de Psicose*, que “Enquanto o neurótico, surpreso, admite que seu inconsciente fala através dele e ele é seu agente involuntário, o

psicótico, por sua vez, repleto de certeza, tem a convicção dolorosa e inabalável de ser vítima de uma voz tirânica que o aliena” (p.39).

Assim, pode-se compreender que, na psicose, a linguagem é considerada particular devido ao funcionamento de linguagem, em que a significação é precária, dificultando assim, o laço social.

Resultados

A partir das teorias estudadas, realizei a análise da entrevista de um dos pacientes internos do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia. Para que seja mantida a identidade do paciente, nomeei tal paciente de W. W tem 19 anos e em seu prontuário continham informações como agitação intensa, perturbações, delírios, alucinações. É interessante destacar também que ele não foi diretamente para o setor psiquiátrico para internação, ele passou antes pelo pronto socorro do hospital, alegando sentir fortes dores no estômago. Quando perguntei a ele sobre as dores no estômago, ele me respondeu que “seus poderes estavam sendo retirados e ele não queria isso”. Em

decorrência dessas dores, sua mãe resolveu interná-lo, e, segundo seu prontuário, W já havia sido internado outras vezes no hospital.

W é um paciente de origem pobre, que vem de uma família de sete irmãos e a mãe, o pai faleceu há alguns anos. Ele é o único dos sete filhos que mora com a mãe, por também ser o filho caçula, ela trata-o como uma criança e sempre que ele fica internado, ela fica o dia todo no hospital em volta do filho. Se não fosse pelo tratamento público seria impossível cuidar de W, explica sua mãe. Além disso, o sentimento entre mãe e filho é recíproco, pois W fica bastante preocupado em não estar trabalhando para ajudar sua mãe e sempre

que fala de seus “poderes”, fala baixinho para não assustá-la. Durante a entrevista a senhora estava presente.

O fragmento a seguir foi retirado de uma entrevista realizada com W; tal entrevista em certos momentos também contava com a intervenção de outro paciente, que sempre ficava junto com W em todos os momentos da internação no hospital.

Entrevista 1

P: ... E qual que é a sua idade?

E: dezenove anos. Eu faço né vinte anos nesse mês. No... é dez, né. dezessete do dez. Nascido em oitenta e sete. Oh: W.F. Sujeito chamado W. F. Nascido em oitenta e sete. Oitenta e sete do... É... Oitenta e sete.

AC: Do quatro.

E: Oitenta e sete.

AC: Do quatro.

E: Do dez... é... dezessete, dezessete.

AC: Do cinco ou do quatro?

E: De oitenta e sete, do dez.

P: Hâ?

E: Do ano de mil novecentos e... e... oitenta e sete.

AC: (...) mil novecentos e oitenta e sete

E: Oitenta e sete. Oitenta e sete.

O que mais?

P: Eh... Qual que é//

E: O fulaninho aqui nasceu no sábado, às seis horas, das seis horas da tarde às seis e meia da tarde. Ele sabia como que tava saindo, tava vendo ele sair. Ele mesmo viu ele sair. (...) Fulaninho (...) saber. Fulaninho também era muito legal. Só que teve um tempo que ele se perdeu por causa de mulher.

P: Quem que é fulaninho?

E: É eu.

A partir desse corpus procurarei situar o funcionamento do significante. Há um funcionamento do significante em que há um deslizamento em torno do número sete seu aniversário é dia dezessete do sete, nascido em oitenta e sete; o número sete não tem um lugar fixo, é como se dezessete e oitenta e sete fossem um mesmo número. É interessante também que tanto oitenta e sete quanto dezessete estão agrupados em uma mesma categoria, a dos números; contudo, W trata desses como se tivessem o mesmo significado, quando na verdade têm significados diferentes. Retomo aqui a afirmação de Picardi de que na psicose o

significante parece movimentar-se descolado do significado. Tal procedimento do falante parece abalar o sistema de funcionamento da língua, causando um certo estranhamento.

Além disso, W refere-se a ele próprio como se fosse uma terceira pessoa ao utilizar a palavra “fulaninho”. Sabendo que ‘fulaninho’ costuma funcionar como um vocativo depreciativo, além de, evidentemente, não ser uma indicação da pessoa que fala, ou primeira pessoa, a fala de W causa ainda mais estranhamento no seu ouvinte.

A pergunta realizada “Qual é a sua idade”, implicava em uma resposta em primeira pessoa; contudo, percebe-se o deslizamento de significantes já que o entrevistado vacila o tempo todo entre primeira e terceira pessoa para relatar a história de seu nascimento, o que provoca um certo estranhamento a seu interlocutor.

Philippe Julien explica em seu livro “As psicoses” que:

“ a paranoíia do conhecimento se realiza, enfim, pela objeção segundo a fórmula da agressividade inerente à identificação: eu me alieno no outro, mas o outro permanece outro, ele não é eu. Há aí, desconhecimento segundo essa verneinung que é todo

conhecimento: não é eu, é ele”.
(op.cit.,p.39)

Tal característica de funcionamento da língua parece ser comum na psicose e foi encontrada nas minhas entrevistas como se pode verificar tanto na entrevista um quanto na entrevista dois, a seguir.

Entrevista 2

P: E.. me fala, aqui: é... que que é um dicionário?

W: É um min... é um mínimo ou (?)alterar Aurélio. E tem todo tipo de informações, de palavras mínimas, de letras que a gente não entende no nosso, no nosso cotidiano.

P: Cê tem alguma palavra que não tá no dicionário?

W: Não. Palavra minha?

P: É.

W: (?)*miucantadu.

P: Como?

W: (?)*miucantadu.

P: (?)*miucantadu? E o que que é pra você (?)*miucantadu?

W: Um nome pra ficar mais forte.

P: Um nome de você ficar mais forte?

W: [E parece concordar gestualmente.]

P: Ahhh!(...)

W: (?)*androndiman, também.

P: Como?

W: (?)*androndiman.

P: (?)*androndiman?

W: [E parece concordar gestualmente.]

P: E... o que que é (?)*androndiman?

W: (?)*androndiman é o poder dos meus colegas, por exemplo.

P: O poder dos seus colegas?

W: [E parece concordar gestualmente.]

P: Ahhh! E... por q... é... por que que a gente usa um dicionário?

W: Pra ver o que que a gente tá falando.

P: Ah, tá. E...//

W: Pra mim, tanto faz o que eu falo.

A resposta de W para a primeira pergunta é composta por interrupções em sua fala, de modo que ao explicar o que é um dicionário, ele utiliza um signo que diz respeito a uma marca de dicionário, o “Aurélio”. Assim se observa um significante que vacila ao entrevistado tentar encontrar uma definição à pergunta feita pela pesquisadora. Mesmo depois de um “vacilo”, W ainda tenta retornar à definição de dicionário, porém desliza novamente atribuindo significações confusas. Esse deslizamento acontece quando ele passa de “informações” para “palavras mínimas” e finalmente “letras”.

Todas as palavras enunciadas por W podem compor a definição de dicionário; entretanto, como há um deslizamento

contínuo dos significantes, estes indicam uma relação precária com o significado, o que dificulta a construção de uma significação.

Verifica-se também nas respostas do entrevistado duas palavras que não são de uso comum no português do Brasil, “miucantadu” e “androndiman”, talvez nem existissem antes da fala de W. Tais palavras são faladas em resposta à pergunta sobre a existência de alguma palavra que não estivesse no dicionário. W formula a hipótese de uma palavra que fosse só dele, de fato parece ser só dele. Essa formulação nos faz retomar a observação de Lacan a respeito do funcionamento da significação na psicose: “(...) a emergência na realidade de uma significação enorme que não se parece com nada – e isso na medida em que não se pode ligá-la a nada, já que ele jamais entrou no sistema de simbolização – mas que pode, em certas condições, ameaçar todo o edifício” (op.cit., p.102).

Na psicose é comum observarmos a diversidade de palavras criadas, os chamados neologismos. Também podemos encontrar palavras já conhecidas com uma significação atribuída de modo particular pelo falante, uma certa especificidade; Picardi então explica que :

“Há uma sintaxe intacta e o componente semântico não é desarranjado na maioria dos pacientes. E finalmente, eles fracassam no entendimento do significado das palavras em contexto, não conseguem comunicar os sentidos pretendidos aos outros, a coesão interna de sua própria fala é insuficiente, não se importam com as necessidades do ouvinte e falam da forma mais irrelevante do que propriamente incompetente” (p.30).

Contudo, é interessante observar que mesmo tal palavra não sendo conhecida por qualquer outra pessoa, o significante enunciado por W, para ele tem um significado particular, “miucantadu é um nome pra ficar mais forte”. O entrevistado, com muita certeza, atribui uma significação a esta palavra, caracterizando o que Lacan chama de uma ‘inércia particular’:

“o significante como existindo sincronicamente caracterizado na fala delirante por uma modificação que destaquei aqui, a saber: alguns de seus elementos se isolam, tornam-se pesados, ganham um valor, uma força inércia particular, carregam-se de significação, simplesmente de uma significação” (op. cit., p.67).

Nesse mesmo funcionamento W ainda nos traz “androndiman” que, segundo ele é: “o poder dos meus colegas, por exemplo”. O mais interessante é que em vários momentos, W fala de engrenagens, poderes, não ser humano, não ser igual aos humanos; todas essas afirmações, juntamente com o neologismo criado por ele, “o androndiman” nos traz uma idéia que parece se referir aos androides, pois estes são criaturas que são inventadas para terem poderes, são semelhantes a robôs e têm a forma humana. Assim, pode-se pensar que a palavra criada por W, tenha alguma relação com esta palavra já existente no vocabulário da língua portuguesa.

Entrevista 3

- P: E...o que que é uma língua?
 E: Uma língua? (...) Uma língua pode ser uma língua que tá na boca e pode ser uma língua, uma linguagem diferente, que a gente conversa, igual a que nois tamo conversando
 P: É? E que jeito que é essa linguagem diferente?
 E: (?)A que nois tamo conversando.
 P: Ah, ta. E... pra que que a gente usa a língua?
 E: (...) Pra glorificar e dar graças a deus, não pra fazer bobeira.
 P: Que tipo de bobeira?
 E: Você já sabe.
 P: Eu não sei.
 (...) [E fica em silêncio.]

P: Cê falou que fala hebraico, aramaico; e... japonês, não falou?

E: As línguas que eu pedi a Deus, pra mim dá.

P: As que cê pediu a Deus. Então, existem muitas línguas?

E: Existe língua que a gente nem imagina existir.

P: Que tipo? Fala.

E: Blá-blá-blá. Blá-blá-blá.

P: É?

E: Blá-blá-blá é uma língua que ninguém entende, (?)quase.

P: É? Como que é essa língua? Cê fala ela?

E: Você não fala, né.

P: Blá-blá-blá?

E: Blá-blá-blá. E Blá-blá-blá. E Blá-blá-blá. E Blá-blá-blá. E Blá-blá-blá. Todo mundo fala; isso aqui é normal.

P: Ah.

E: Agora, quando não pode, de vez em quando nois (...).

P: É. Pois é. E qual que é a língua falada por você?

E: (...) Português.

P: Português?

E: [E parece concordar gestualmente.]

P: Cê fala alguma outra língua a mais, que só você conhece?

E: Eu falo (...) eu falo italiano!

P: Não... assim, uma língua que só você conhece, aquela língua particular?

E: (...) (?)*muicoíná.

P: (?)*muicoíná?

E: [E parece concordar gestualmente.] (?)*odora.

P: (?)*odora?

E: [E fica em silêncio.]

P: Hâ?

E: (?)*muicoíná odora

P: Que língua é essa?

E: [E fica em silêncio.]

P: Quem te ensinou essa língua?

E: [E fica em silêncio.]

P: Você aprendeu ela aonde?

E: (...).

P: (...)?

E: Alguma coisa lá fora me ensinou, (?)sabe? Alguma coisa saiu de lá, e veio aqui e me ensinou.

Ao perguntar ao paciente W o que é uma língua, ele respondeu-me utilizando vários conceitos como “a língua que ta na boca”, além de explicar que “pode ser uma língua, uma linguagem diferente, que a gente conversa, igual a que nós tamo conversando”. Assim, pode ser retomada a idéia de que existe mais de um significado para um mesmo significante e que o valor lingüístico do signo só é estabelecido no sistema lingüístico. Deste modo, a idéia que se tem é que o falante oscila entre os significados possíveis em função de um mesmo significante e estes podem perder o valor esperado no sistema.

Quando a expressão “linguagem diferente” é utilizada pelo falante, retoma tal expressão para que seja atribuída uma definição pelo falante, entretanto, ele apenas responde que ‘é a linguagem falada por nós’ e não prossegue em tal definição.

Nota-se também que há no discurso de W sobre a língua uma característica recorrente, ou seja, atribuir à língua ou à sua função a existência de Deus. O paciente W explica que sua língua serve “Pra glorificar e dar graças a deus, não pra fazer bobeira”.

Assim como no caso de W, outro paciente que utiliza a presença divina para caracterizar seu delírio é Schreber, caso estudado por Sigmund Freud. Schreber escreveu a respeito de seus próprios delírios e segundo ele, havia uma “língua fundamental” que o fazia comunicar-se diretamente com Deus.

Ao longo do diálogo, W várias vezes retoma a questão das várias línguas existentes, e, para se falar alguma língua, segundo W, é necessária a permissão de Deus, sendo assim, qualquer palavra pode ser enunciada por ele.

W parece saber que mesmo havendo várias línguas, a língua falada por ele é o português, contudo, quando é questionado da existência particular da língua, ele afirma existir uma língua conhecida apenas por ele.

Tal língua particular é nomeada por “Muicoiná odora”; quando é interpelado a respeito da existência dessa língua, características dela, ou de onde ela surgiu, W nada responde, a única resposta dada por w é “Alguma coisa lá fora me ensinou, sabe? Alguma coisa saiu de lá, e veio aqui e me ensinou”. A partir deste fragmento da fala de W é possível retomar o conceito

dado por Julien às psicoses, como palavras que vêm do exterior e na forma de voz e estas podem enunciar ações a serem executadas.

A partir da fala de W, é notório que haja um discurso sobre a língua na psicose e que este também se reflete no funcionamento da língua, seja pelos neologismos ou pelo recorrente deslizamento do significante. Além disso, o próprio significado que ele dá à língua ou às línguas, sua origem e funcionamento são tão peculiares que correm o risco de serem reconhecidos apenas pelo falante.

Existem outros fragmentos dessa mesma entrevista, como também outras entrevistas realizadas que poderiam ser trazidas para este trabalho; contudo, prendime a estes fragmentos que podem mostrar o funcionamento da língua na psicose, bem como a precariedade de sentido e deslizamento de significantes encontrados nessa linguagem particular, além do discurso sobre a língua que alguns pacientes apresentam.

Conclusão

Com os apontamentos feitos ao longo deste trabalho, percebe-se que a linguagem na psicose é considerada particular por ser caracterizada por um funcionamento incomum dos signíficantes. Estes funcionam em um contínuo deslizamento, gerando uma precariedade de sentido no que é enunciado pelo falante. As análises das entrevistas mostraram tal deslizamento presente na psicose, o que parece ocasionar uma desarticulação no sistema lingüístico. Tal desarticulação é notada, pois os signíficantes acabam por não manter com o significado uma relação que garanta o funcionamento do sistema linguístico, ou seja, a possibilidade de um signo estabelecer o seu valor pela relação com os demais no sistema.

Além disso, foi possível observar também as significações particulares atribuídas pelo falante, que são criadas a partir dos neologismos apresentados por ele, que como enuncia Lacan, criam uma “força inércia particular”, pois os elementos são carregados de uma significação extremamente particular.

Em relação ao discurso sobre a língua é possível perceber uma recorrência do já observado por Freud no caso do Presidente Schreber em que ele manifesta seu discurso sobre a língua, baseando-se na figura divina e nas várias línguas existentes. Além disso, também o discurso sobre a língua evidencia o próprio funcionamento particular da língua na psicose.

Pode-se concluir então que é possível identificar inúmeras particularidades no funcionamento da língua na psicose e que tais particularidades podem contribuir para a compreensão do funcionamento da língua em geral.

A partir dos dados coletados para esta pesquisa percebe-se a fecundidade dos mesmos para próximas investigações sobre o funcionamento da língua na psicose. Além disso, a produção teórica sobre linguagem e psicose realizada nos últimos anos por psicanalistas e lingüistas ainda oferece muitas possibilidades de reflexão configurando-se assim um campo aberto de pesquisa.

Agradecimentos

Agradeço minha mãe e meu pai por sempre me incentivarem em minha vida acadêmica; à minha tia Vânia por sempre me mostrar os caminhos; à minha avó pelas noites de sono não dormidas solidária a mim; ao meu namorado Gustavo, pela compreensão e amor. À minha orientadora Profª Dra. Eliane Mara Silveira agradeço por toda a dedicação e atenção, pois sem o

seu apoio não seria possível realizar uma pesquisa tão consistente, além de ter me mostrado que há uma satisfação em pesquisas de tal natureza, que por apresentar inúmeras dificuldades nos dá ainda maior anseio por pesquisar e procurar sempre mais. Agradeço também ao CNPq, que me apoiou financeiramente para o desenvolvimento deste trabalho.

Bibliografia

CABAS, A.G. A Função do falo na loucura. Campinas – SP, 1988.

FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato auto biográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides). In: Edição Standard Brasileira das **Obras Completas** de Sigmund Freud. v. XII. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1987

ILARI, Rodolfo. O Estruturalismo Lingüístico: Alguns Caminhos. In: **MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. Introdução à Lingüística,fundamentos epistemológicos, vol III.** 2º edição, Cortez editora, 2005: São Paulo – SP.

JULIEN, P. As psicoses. Rio de Janeiro: Companhia de Freud editora, 1999.

KAUFFMAN, P. Dicionário enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud e Lacan. Jorge Zahar, 1998: Campinas-SP.

LACAN, J. O Seminário. Livro 3: As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. O Seminário. R.S.I., 1974/1975.

MILNER, J. C. O amor da língua. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987; *L'amour de la langue*, 1978.

NASIO, J. D. Grandes casos de Psicose. Jorge Zahar Editor, 2001: Rio de Janeiro - RJ.

NOVAES, M. Os dizeres na esquizofrenia: uma cartola sem fundo. Editora Escuta: São Paulo-SP, 1996.

PICARDI, F. D. **Linguagem e Esquizofrenia: Na fronteira do Sentido.**

Instituto de Estudos da Linguagem, 1997:
Campinas-SP.

ROUDINESCO, E. e Plom, D. **Dicionário de Psicanálise.** Jorge Zahar, 1998: Rio de Janeiro-RJ.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral.** Editora Cultrix, 1973 : São Paulo-SP.